

Jazz
25 Fevereiro 2010
Ciclo 'Isto é Jazz?'
Comissário: Pedro Costa

The Fish

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone alto Jean-Luc Guionnet
Contrabaixo Benjamin Duboc
Bateria Edward Perraud

Qui 25 de Fevereiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h15 · M12

The Fish: jazz e teatro

À excepção do contrabaixista Benjamin Duboc, que habitualmente percorre esses caminhos, tendo começado por tocar dentro do estilo de New Orleans, o investimento de Jean-Luc Guionnet e Edward Perraud (ambos membros do grupo Hubbub, conhecido pelo seu trabalho com texturas e não com ritmos, melodias ou mesmo harmonias) no *free jazz* pós-alyeriano do trio The Fish diverge da sua normal actividade nos domínios da electroacústica experimental e da livre-improvisação de carácter mais abstracto, seja utilizando os mesmos instrumentos, o saxofone alto (Guionnet) e a bateria (Perraud), ou recorrendo à electrónica, a gravações de campo ou ao órgão de igreja.

Nada que cause particulares problemas de posicionamento a estes músicos franceses, a crer nas palavras de Guionnet: «Quando toco em duo com Perraud ou com Seijiro Murayama tenho a sensação de que estou a inventar a música de raiz naquele momento e, mesmo que tal seja apenas uma impressão subjectiva, não tenho de me preocupar com questões de idioma ou de não-idioma. Quando toco *jazz* ou *free jazz* já lido com uma tradição, mas tendo em conta a minha relação pessoal com a mesma, pois cresci a ouvi-la e estudei-a. Num caso ou no outro, procuro fazer a melhor música possível para cada situação. Ligo-me à história do meu instrumento, embora tenha a noção de que aplico no órgão de tubos as mesmas coisas que faço com o saxofone, sendo que neste caso não me vêm perguntar porque toco *free jazz* e sim porque toco órgão.»

O curioso é que o *free jazz* dos The Fish, tal como a música “sem idioma” que estes músicos praticam em paralelo, é inteiramente improvisada, sem partituras ou quaisquer estruturas previamente estabelecidas. De resto, Jean-Luc Guionnet é peremptório a dizer que não sabe ler nem escrever música, e que tão-pouco lhe interessa uma actividade enquanto compositor, pelo menos do modo como convencionalmente se entende tal função. O importante, para si, é separar os dois âmbitos: quando toca *jazz*, é *jazz* que toca; quando improvisa sem parâmetros idiomáticos, está completamente fora de causa uma referenciação na linguagem jazzística.

O posicionamento de Duboc é algo distinto, mas as suas perspectivas acabam por coincidir com as do seu parceiro: «A música livremente improvisada pode ser abstracta, mas não nos podemos abstrair da realidade da música e do som, do trabalho à volta das ondas sonoras, que são físicas e têm uma realidade muito concreta. A improvisação musical realiza-se num espaço acústico determinado e é preciso tê-lo em conta. Outra coisa, neste contexto, é o propósito de não activar as zonas de memória ligadas às músicas que funcionam segundo códigos reconhecíveis. Fabricam-se imagens internas, as quais por sua vez remetem para outras imagens e fazem nascer, por associação de ideias, as sensações e os sentimentos formatados pelas músicas melódico-harmónico-rítmicas. Tocar *jazz* já é colocarmo-nos num espaço de jogo em que existe uma vontade de conexão com o exterior, com o que as demais pessoas consideram como tal. É um modo de improvisação em que há uma história,

em que o corpo de quem ouve reage quase por reflexo e esse reflexo volta para trás e impregna quem está a tocar. Ou seja, batalhamos com modelos que nos chegam do passado. Esse confronto é titânico, e também muito belo.»

Ainda que procedam a uma separação de águas (com Duboc a admitir que seria um desafio associá-las), estes músicos lidam mal com a presente lógica de rotulação da criatividade musical. Subentende ou implica esta que uma música energética e impactante como a dos The Fish está nos antípodas, porque inconciliável, com as abordagens *near silence* que em outros projectos desenvolvem. Guionnet: «Não me interessa dar nomes ao meu trabalho, e muito menos quando os estilos ou escolas são definidos por regras como tocar alto ou tocar baixo, tocar timbres ou não tocar timbres, tocar silenciosamente ou produzir ruído, tocar rápido ou fazê-lo lentamente, tocar *drones* ou coisas fragmentadas. Nada disso é suficiente para determinar um género musical. Além de que não sei se a noção de “género” ainda é interessante. O filósofo Ray Brassier, por exemplo, diz que está obsoleta.» E no entanto, Jean-Luc Guionnet sabe que tem de abraçar alguns processos específicos quando se insere no trio, como executar linhas melódicas ou inserir-se numa métrica. E não usa eufemismos para o referir. “Condicionamentos” e “constrangimentos”: é assim que chama aos formatos por si utilizados com Duboc e Perraud.

Não implica tal, como é óbvio, uma visão negativista, ou pura e simplesmente o multi-instrumentista não se envolveria num projecto como este. Delimitar, circunscrever, armadilhar

foram sempre estratégias adoptadas pela música, e se também a que se pretende livre o faz, é precisamente para assumir por inteiro a sua natureza – mesmo que tenha de arriscar alguma contradição de termos. Não há, no entanto, elaborações teóricas de fundo sobre a questão, e o que existe são reflexões dos próprios músicos, feitas a quente e sem distanciamento. Guionnet tem alguns interessantes escritos no seu website, mas igualmente a consciência de que a prática e a teoria nem sempre correm a par. Benjamin Duboc vai ainda mais longe: «Não sinto a necessidade de pensar *on the fly* sobre o que improviso – teoriza-se de facto, mas só depois. É, de qualquer modo, um facto que o acto de tocar tem as suas raízes na relação entre o eu profundo e o meio. É uma ponte, uma ligação com os outros. O que sou deriva do facto de criar música e esta é o ‘lugar’ onde posso expressar o que tenho dentro de mim e assim definir-me e posicionar-me.»

Semelhante imprecisão de contornos tem a compreensão desse novo factor, trazido pelos músicos com formação nas artes visuais (caso de Guionnet), que é, numa arte que trabalha com o tempo como a música, a atenção ao espaço. Cada um tem a sua opinião, e a de Jean-Luc Guionnet é tão relativa quanto as demais: «Para mim, a relação da música com as artes plásticas passa por muito mais do que o espaço. Tem que ver com a maneira como se perspectiva a dialéctica entre os materiais e as ideias e a dialéctica entre a forma e a intenção. Por tradição, na música uma ideia tem de ser expressa conscientemente para ser apresentada enquanto forma. Nas artes visuais, esta é apenas uma solução

entre outras. Do que a música necessita mais, para todos os efeitos, é de ser performativa, de ser uma exploração física.» Não estranha que Duboc, músico de origem, afirme a equivalência dos parâmetros espaço e tempo, mas a própria circunstância de dar o mesmo valor ao primeiro que dá ao segundo denota bem a evolução sofrida pelo específico entendimento da música.

Em aberto também estão as implicações sociais e políticas da improvisação, sabendo-se que os moldes desta variam tanto os pressupostos como o alcance das mesmas. Não basta dizer que estamos perante o processo criativo mais democrático e igualitário, pois seria meter tudo no mesmo saco generalista. Na verdade, o *free jazz* continua a ser uma música hierárquica. O alerta de Guionnet: «A hierarquia pode ser móvel, como acontece com Cecil Taylor, mas está lá. Ao contrário dos Hubbub, que agem cooperativamente, nos The Fish os nossos papéis estão funcionalizados e a secção rítmica actua como tal. Mas sem dúvida: a política deve ser a *proprieté emergente* da música.»

Benjamin Duboc assina por baixo e acrescenta: «Se tentamos reunir as três vozes num único bloco de som que se dirige para a mesma direcção, conseguimos-lo apenas se cada um cumprir a sua parte e remeter-se a essa tarefa. A bateria tem de dar *drive* ao conjunto, sem pausas. O contrabaixo deve acrescentar volume e elasticidade, mantendo tudo em ressonância sem um único instante de descanso. Ao saxofone cabe colocar-se no topo deste magma a fim de navegar as ondas criadas. É evidente, pois, que não há efectiva liberdade; somente liberdade de discurso, no

sentido de que podemos escolher um vocabulário em vez de outro ou de que nos permitimos mudar de rumo.»

Não se considerando Guionnet um músico “de *jazz*”, por mais familiar que esta música lhe seja, e à sua semelhança estando Duboc e Edward Perraud mais do lado daquilo que se conhece como “música improvisada europeia” do que da música afro-americana (até porque não são americanos, nem têm ascendência africana), temos então com The Fish uma representação, um número teatral? «Na maior parte das ocasiões, sinto-me mais eu próprio no palco do que na vida de todos os dias. Noventa e nove por cento da existência quotidiana é mais teatral do que o teatro. Desde que se faça aquilo que é suposto fazer numa dada circunstância, seja *jazz*, o amor ou a vida, não há teatro», argumenta Jean-Luc Guionnet.

Benjamin Duboc tem outro diapasão: «Se tomarmos o *jazz* como uma forma musical desenvolvida por terceiros, só podemos relacionar-nos com ela como se se tratasse de uma peça de teatro. Acredito, porém, que isso deriva mais do facto de estarmos à frente de uma audiência, pelo que não acontece apenas quando tocamos *jazz*. No caso deste, se com The Fish o ambiente é outro, a atitude original do *jazz* mantém-se: a música que fazemos está ancorada no presente e na nossa realidade, o que não é, de todo, teatro.»

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

Jean-Luc Guionnet

saxofone

Nasceu em Lyon em 1966. Artista multifacetado, é desde há uns anos a esta parte um dos mais importantes impulsores do novo jazz francês, através do seu saxofone – seja ele mais próximo do *free jazz* (com os The Fish) ou da nova corrente reducionista (com os Hubbub) –, ou dos discos que passa no seu programa de rádio na estação France Culture.

Estudou Estética e Belas Artes em La Sorbonne em Paris com Geneviève Clancy, Iannis Xenakis, Bernard Tesseydre, André Almuro, Côme Mosta Heirt, Jean-Michel Palmier, Michel Journiac, Eric Valentin e Dominique Noguez.

Aprendeu composição electroacústica nas academias de música de Boulogne-Billancourt e Pantin entre 1989 e 1993. Estudou Filosofia no Centre d'Etudes Supérieur de la Renaissance em Tours com Bruno Pinchard. Doutorou-se com a tese *Filosofia sobre o rumor*. A pesquisa que iniciou sob a orientação partilhada de Geneviève Clancy e Bernard Tesseydre, prossegue-a sozinho desde 2001.

Jean-Luc Guionnet toca em diferentes grupos de música instrumental, electroacústica, experimental e *free jazz* com muitos músicos da nova cena francesa como Eric La Casa, Seiuro Murayama, Eric Cordier, Franck Gourdien, André Almuro, Pascal Battus, Philipp Samartzis e Marc Baron.

Tocou em festivais como Banlieues Bleues, Jazz à Mulhouse, Musique Action, Jazz à Luz, Freedom of the City, Beyond

Baroque, Noise Asia, La Force de L'art, e fez digressões por Coreia do Sul (2004), Califórnia (2003), Suécia (2003), Turquia (2002), Austrália (2005), Canadá (2005), EUA (2001, 2003, 2004, 2006 e 2008), Japão (2006 e 2007), China (2006), Espanha (2007), Portugal (2007), República Checa (2007), Alemanha (2007), Polónia (2007, 2008).

Como compositor escreveu trinta e cinco peças electroacústicas para músicos como Taku Unami, Taku Sugimoto, Masahiko Okura e Rhodri Davis. É co-autor de treze curtas, médias e longas metragens e artista plástico que explora o desenho e a instalação.

Ver www.jeanlucguionnet.eu

Benjamin Duboc

contrabaixo

Nasceu em Aix-en-Provence em 1969 e é uma voz muito forte no contrabaixo em França dos últimos anos.

Estudou com Jean-François Jenny-Clark e com Bernard Cazauran e tocou e/ou gravou com nomes como Ernest Dawkins, Bertrand Denzler, Roy Campbell, Jean-Luc Cappozzo, Joëlle Léandre, Sabir Mateen, Byard Lancaster, Daniel Erdmann, Abdelahai Bennani, Michel Doneda, Daunik Lazro, Sunny Murray, John Betsch, Tom Chant, Oliver Lake, Didier Lasserre, Stéphane Rives, Jobic Le Masson, Christine Wodrascka, Hilary Jeffery, Jack Wright. Com Henry Grimes formou um dueto de contrabaixos memorável em Paris.

Lidera o quinteto Nuts, com os trompetistas Itaru Oki e Rasul Siddik, e com os bateristas Makoto Sato e Didier Lasserre e integra o grupo Rocks in the

Sea com Mario Rechtern, Eric Zinman e Didier Lasserre.

Duboc tenta “dar uma forma sensível ao tempo como se de um material físico se tratasse, como madeira, como pedra...”. Com um som ao mesmo tempo belo e muito robusto, nunca deixa a sua técnica sobrepor-se à música. O seu trabalho estende-se à música improvisada, que pratica intensivamente, e à composição electroacústica em contextos e formas expressivas variadas (música, dança, teatro, imagem).

Tocou, entre outros, em locais e festivais como o Museu de Estrasburgo, Jazz à Mulhouse, Bordeaux Jazz Festival, Festival de Besançon, Jazz à Luz, Panonica (Nantes), Festival Luisance (Brest), Carré Bleu (Poitiers), Petit Fauchoux (Tours), Instants Chavirés (Montreuil), A l'improvisiste (Radio France) e em países como Suécia, Itália, Alemanha, Áustria, Espanha, Portugal (Gulbenkian, CCB, Hot Clube...), Marrocos e Turquia e gravou para as editoras Amor Fati, Ayler Records, Futura Marge, Creative Sources, Le Petit Label e Sansbruit.

Ver <http://benjamin.duboc.free.fr>

Edward Perraud

bateria

Nasceu em Nantes em 1971. Começou a tocar guitarra com 8 anos e estudou Trombone e Percussão Clássica no Conservatório de Rennes. Licenciado em musicologia pela Universidade de Rennes, prosseguiu os seus estudos musicológicos no IRCAM (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique) e no Conservatório Nacional

de Paris onde obteve o primeiro prémio em Análise Musical na classe de Michael Levinas. Prepara o seu doutoramento sobre a Genealogia da Ideia em música.

A música clássica, a música contemporânea, o jazz, a música indiana que estudou com Biplab Battacharia em Calcutá e a improvisação livre marcam profundamente o seu universo enquanto percussionista. É possível encontrá-lo na cena do jazz moderno (Y. Robert, S.Kassap, Joe Rosemberg...), da improvisação livre (Duo Caix com Jean-Luc Guionnet, The Fish, Hubbub), da música contemporânea (como compositor) ou do rock alternativo (Temptation, BIG com Frederik Galiaj).

O jazz e a improvisação são os géneros que mais o fascinam, tendo colaborado, entre outros, com Louis Sclavis, Jean Pierre Drouet, Joëlle Léandre, Michel Portal, Mark Helias, Vincent Courtois, Claude Tchamitchian, Joe Rosenberg, Bruno Chevillon, Alan Silva, Paul Rogers, John Butcher, John Edwards, Johannes Bauer, Bernard Lubat, Daunik Lazro, Jean-Luc Cappozzo, Didier Petit, Lucia Recio, Olivier Benoit, Peter Scherr, Sylvain Kassap, Helene Labarrière e Itaru Oki.

Gravou cerca de 40 discos em várias editoras americanas, europeias e asiáticas e fez digressões um pouco por todo o mundo (EUA, Canadá, Ásia e Europa). Em 2005 criou a sua própria editora, a Quarkrecords.

Com o realizador Nicolas Humbert (Step across the border), fundou um projecto nómada de “Cinéma/Music Wonderland” em 2006 com o seu grupo Das Kapital.

Ver www.edwardperraud.com
www.myspace.com/perraudedward

Ópera Camponesa Parasztopera

De Benedek Darvas e Béla Pintér
Um espectáculo de
Béla Pintér e Companhia

Teatro Sex 26, Sáb 27, Dom 28 Fevereiro
Palco do Grande Auditório
21h30 (Sex 26, Sáb 27) · 17h (Dom 28)
Duração: 1h10 · M12



Texto e encenação Béla Pintér **Música** Benedek Darvas **Cenografia** Péter Horgas **Figurinos** Mari Benedek **Luzes** Zoltán Vida **Director técnico** e **som** János Rembeczki **Técnico de palco** Tamás Kulifay **Assistentes do encenador** Andrea Pass, Edit Bottka **Mestre de canto** Bea Berecz **Músicos** Benedek Darvas, Bertalan Veér, Gábor Pelva, László Nyíri, György Póta **Com** Béla Pintér, Szilvia Baranyi, József Tünde Szalontay, Sándor Bencze, Szabolcs Thuróczy, Tamás Deák **Estreia** no teatro Szkéné, Budapeste, a 1 de Outubro de 2002 **Co-apresentação** Teatro Maria Matos e Culturgest

Béla Pintér e Companhia, grupo de Budapeste criado em 1998, produz uma obra singularíssima, tão contemporânea quanto influenciada pela arte popular húngara.

Ópera Camponesa já foi apresentada em diversos países, de Moscovo a Nova Iorque, de Paris a Montreal, com grande

reconhecimento público e crítico. Um conto tradicional transforma-se em ópera, misturando canções populares da Transilvânia, música barroca e pop rock. A música é tocada ao vivo, e os actores compensam o facto de não serem cantores profissionais com a intensidade da representação. Há pessoas infelizes, paixão, humor, incesto e homicídio. Passado e presente confrontam-se, assistimos a pecados antigos e personagens de tempos diferentes falam umas com as outras. Pintér retrata a vida no campo com selvagem ironia – e a tragédia espreita por baixo das danças e dos trocadilhos duvidosos.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
